

EDUCAÇÃO

e

TECNOLOGIA



Revista do Instituto Politécnico da Guarda

EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA

Propriedade
Instituto Politécnico da Guarda

Director
Álvaro Bento Leal

Redacção
Serviços Centrais do I.P.G.
Av. Dr. Francisco Sá Carneiro nº 50 * 6300 Guarda
Telef. (071) 222634 * Telecópia (071) 222690

Composição
Gabinete Editorial do I.P.G.

Execução Gráfica e Impressão
Secção de Reprografia do I.P.G.

Periodicidade
Semestral

Tiragem
1.000 **ex.**

Depósito Legal
nº 17.981/87

nº XVIII* Agosto de 1996

Capa: Vista aérea do *campus* do IPG

Uma participação assumida

Com esta edição a Revista "Educação e Tecnologia" apresenta o seu décimo oitavo número.

Os temas e trabalhos até agora publicados distribuem-se por uma variedade de temáticas que reflectem as várias áreas subjacentes aos cursos leccionados neste Instituto Politécnico.

Apraz registar o aumento e a diversidades de colaborações, sinal evidente da atenção que a nossa Revista tem vindo a suscitar, dentro e fora deste estabelecimento de ensino.

Estamos certos de que esta Revista continuará a sua afirmação e a proporcionar um espaço de apresentação e debate de ideias, de veículo difusor da investigação, pesquisa, reflexão e, simultâneamente, instrumento de apoio pedagógico, como se tem verificado ao longo destes anos da sua existência.

"Educação e Tecnologia" apresenta, com este número, novas propostas e um convite renovado à participação, assumida e responsável, idónea e inovadora.

Álvaro Bento Leal
Presidente do IPC

PADRÃO LINGUÍSTICO A ADOPTAR NA ESCOLA

- A AQUISIÇÃO DA NORMA

- ATITUDES LINGUÍSTICAS

María João Marques Alves da Costa *

I - Sociolinguística

A Sociolinguística teve a sua gênese na década de 60. Durante os anos que medelam essa origem e os nossos dias, esta disciplina já conseguiu delinear uma metodologia e um quadro teórico próprios. Assim, << Hoy, frente a una lingüística llamada teórica, vivem la etnolingüística y la sociolingüística, todas ellas dedicadas a estudiar aspectos del lenguaje, desterrados antes de la ciencia madre>>⁽¹⁾.

A sociolinguística conseguiu já destacar-se e autonomizar-se relativamente às outras disciplinas de alguma forma ligadas à Linguística. A Sociolinguística demarca-se da Linguística uma vez que estuda a língua no seu contexto social.

Revista "Educação e Tecnologia", Vol. XVIII, Agosto de 1996.

* Assistente do 1º triénio, na E.S.E.

(1) - LOPES MORALES, Humberto - "Hacia um concepto de la Sociolingüística". in *Lecturas de Sociolingüística*, Madrid [Colección EDAF Universitária], 1977.

Dentro desta disciplina dá-se particular atenção às atitudes linguísticas. É importante recordar que, sob o ponto de vista exclusivamente linguístico, todas as variedades sociolectais são iguais. Quer isto dizer que, quando se fala neste assunto e se refere o factor da diferença, se está a ter em conta essencialmente noções como, por exemplo, a noção de prestígio.

Não podemos esquecer que é esse mesmo prestígio que leva a que uma determinada variedade se eleve à categoria de língua nacional e constitua então a base da norma linguística de uma determinada comunidade.

Aliada, indissociavelmente, a este factor de prestígio está a noção de atitude linguística.

Cada falante está atento às variedades existentes na sua comunidade e dependendo do prestígio atribuído a essa variedade, assim será a escolha de umas formas em detrimento de outras.

A existência, num determinado país, de mais de uma língua prestigiada a nível institucional, pode dar origem à criação de inúmeras estruturas, instituições que permitam a harmonização e a unidade, dentro de uma grande diversidade.

Não é este o caso de Portugal. Aqui, ao ser um país unilingue - unilinguismo esse, real e institucional -, vamos encontrar uma relação língua/escola diferente da que encontraríamos num outro qualquer país da Europa.

Em Portugal, a escola debate-se com o problema de saber qual a melhor forma de actuar perante os sociolectos baixos e principalmente, com o padrão linguístico a adoptar nessa mesma escola⁽²⁾.

Na realidade da escola portuguesa encontra-se ainda a situação dos alunos que, tendo vivido alguns anos noutros países (ou tendo mesmo nascido lá), se confrontam agora com uma vivência e uma cultura diferentes ao mesmo tempo que se debatem com dificuldades a nível da linguagem. Estes alunos apresentam muitas vezes manifestações de interferência das duas línguas. A Sociolinguística estabelece a relação entre os factores linguísticos e os factores sociais demonstrando que não se trata de uma relação casual.

Assim, contrariamente a outras disciplinas que se encerravam sobre o seu próprio objecto, a língua, a Sociolinguística, no seguimento do *Curso de Linguística Geral*⁽³⁾ toma a língua como factor social. Estuda assim, as complexas e variadas relações entre língua e sociedade, dito de outra forma, estuda a língua em relação a factores de ordem social. É claro que, os mesmos fenómenos podem ser estudados por várias

(2) - Este assunto será alvo de maior desenvolvimento mais adiante neste trabalho.

(3) - *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand Saussure, Publicações Dom Quixote, 1986.

disciplinas, mas as metodologias científicas utilizadas são diferentes.

O objecto de estudo da Sociolinguística não se confunde com o objecto de estudo de quaisquer outras disciplinas.

Como já foi referido, esta disciplina tem como objectivo de estudo a língua enquadrada no seu contexto social.

Quando se pretende estudar uma determinada comunidade têm de se conhecer as características sociais dessa comunidade. Para isso, interessam aspectos tais como o nível etário dos falantes e a estratificação social dessa mesma comunidade. Não podemos esquecer que, sempre que falamos, estamos a fornecer informações aos nossos ouvintes sobre as nossas origens, sobre o tipo de pessoa que somos. A forma como falamos dá indicações sobre o sítio de onde somos originários e que tipo de educação tivémos⁽⁴⁾. No entanto, é necessário um certo cuidado uma vez que não podemos, a partir de um só falante, inferir das características de determinada comunidade linguística. "(...) it is not possible to select any single speaker and to generalize from him to the rest of the speakers in his social class group. This was an important point that was demonstrated by Labov. The speech of a single speaker (his idiolect) may differ considerably from those of others like him"⁽⁵⁾.

Convém também recordar que, um mesmo falante, pode utilizar diferentes variedades linguísticas dependendo do contexto social em que se encontra. "Language, in other words, varies not only according to the social characteristics of the speaker (...) but also according to the social context in which he finds himself"⁽⁶⁾. Essa utilização da linguagem, de acordo com o contexto social, pode por vezes estar ligada também à noção de prestígio que uma variedade pode gozar em detrimento de outras, e ainda das atitudes linguísticas (apreciações subjectivas que os falantes fazem na sua língua com as comunidades em que vivem e as outras com que contactam). Às atitudes linguísticas está ligada a mobilidade social. Quando esta é ascendente, as atitudes linguísticas mudam, repercutem-se no comportamento social.

Os estudos de Sociolinguística têm uma grande importância para o estudo e posterior ensino da Língua Materna. Neste trabalho, tentaremos prestar especial atenção ao padrão linguístico a adoptar na escola - a aquisição da norma, tendo sempre presentes as atitudes linguísticas e a noção de prestígio.

(4) - Constitui ponto de partida para estas afirmações a obra *Sociolinguistics: An introduction*, de Peter Trudgill, p.14.

(5) - Trudgill, Peter - *Sociolinguistics: An introduction*, p. 39.

(6) - Op. Cit., P.103.

II - Ensinar Português, mas que Português ?

1.1 - A aquisição da norma

A língua é um conjunto complexo e variadíssimo de falas variadas, mais ou menos diferenciados entre si, mais ou menos agrupáveis em conjuntos dialectais.

É certo que algum desses dialectos locais pode gozar de um prestígio muito superior aos outros por razões históricas, políticas, culturais ou económicas ⁽⁷⁾.

É natural que possa surgir para um professor de Português a questão de saber qual o Português a ensinar. De facto, é reconhecida a existência de sociolectos tendo cada um características próprias.

No entanto, apesar dessas diferenças há também muitos elementos comuns que tornam possível a comunicação entre indivíduos de diferentes sociolectos.

Seguindo aquilo que, para a Língua Espanhola, diz Lopez Morales, não podemos esquecer que os dialectos "más altos del espéctro sociocultural del país suelen distinguirse de los más bajos por dos circunstancias específicas"⁽⁸⁾.

Os falantes de um sociolecto mais alto dispõem de um vocabulário mais alargado (bem como de uma melhor pronúncia) que os falantes dos sociolectos baixos. Este argumento parece dar razão à ideia que a língua que deve ser ensinada nas escolas é aquela que é utilizada pelas camadas mais altas da sociedade. A escola deve veicular a norma, a variedade à qual é atribuído maior prestígio. Este facto levanta desde já algumas questões pertinentes: Qual a atitude que a escola deve tomar perante os sociolectos baixos, isto é, se a escola deve ensinar a norma, então qual a atitude a tomar face aos sociolectos utilizados pela maior parte dos alunos?

Por vezes há insucesso escolar uma vez que se gera um conflito entre a linguagem que a escola pretende veicular e a linguagem utilizada pelas camadas populares já que, muitas vezes esta é estigmatizada pela escola.

Torna-se então imperioso que a escola se transforme num espaço onde se luta contra esta estigmatização. Deve ter-se presente a ideia que diferença não significa necessariamente deficiência <<(…) as avaliações em termos de "certo" e "errado", "melhor" e "pior", em relação a usos de língua, reflectem preconceitos que estigmatizam o uso que delas fazem os grupos de baixo prestígio social. O conceito de "deficiência linguística"

(7) - Idetas retiradas da obra de LOPES BLANCH, Juan Manuel - El concepto de Prestígio y la Norma Lingüística del Español, p.29.

(8) - Baseamo-nos na obra *La Enseñanza de la lengua materna* p.44 a 51.

(...) é uma impropriedade científica (...) tem servido para legitimar a discriminação que na escola se faz dos alunos pertencentes às camadas populares (...) esses alunos são considerados linguisticamente "deficientes">>⁽⁹⁾.

A escola deve por isso, tentar formar indivíduos que saibam usar cada uma das modalidades (sociolecto baixo, norma) no meio linguístico adequado.

**1.2 - Qual o padrão linguístico a adoptar na escola?
Que atitude deve tomar a escola perante a
diversidade linguística?**

Se a escola quer cumprir a função formadora, deve ensinar os sociolectos altos da comunidade uma vez que estes são o veículo de outra cultura, constituem a língua da imprensa, dos livros, do teatro, da universidade, da política.

Ter competência neste sociolecto significa ter acesso a todos estes aspectos.

Se corresponde à escola ensinar essa modalidade linguística, então há três atitudes possíveis a adoptar face aos sociolectos baixos utilizados pelos alunos:

1 - Eliminação das variedades vistas como *non-standard*

A tentativa de eliminar por completo estes dialectos pode causar nos alunos uma aversão e recusa face à escola. Se um aluno tivesse de eliminar por completo esse seu sociolecto baixo, então ele sentir-se-ia isolado dos amigos, do grupo em que se inseria.

Esta ideia de eliminação dos sociolectos baixos tem por base o conceito que estes são um conjunto de erros e de incongruências.

2 - Apreciação das diferenças dialectais

Pretende-se de forma algo utópica criar uma sociedade livre de preconceitos dialectais, onde todos pudessem utilizar o seu dialecto sem temor de ser alvo de crítica ou de cair no ridículo.

3 - Bidialectalismo

Esta atitude reconhece que tanto o dialecto considerado standard como o utilizado pela criança devem ser tidos em

(9) - SOARES, Magda - *Linguagem e escola uma perspectiva social*, Editora Ática, 1986, p. 43 É ao sociolinguista norte-americano William Labov que se deve a mais poderosa e fundamentada contestação da teoria da deficiência linguística e a mais decisiva comprovação de que diferença não é deficiência.

conta. A intenção é dotar a criança com um segundo sociolecto que lhe permita, mais tarde, ter acesso aos meios de cultura.

Não se pretende então que os alunos abandonem o seu sociolecto baixo, mas antes pretende-se ensinar um novo meio de comunicação - a aquisição do sociolecto alto passa a ser visto pelo aluno como um enriquecimento.

Assim, ainda que a defesa do argumento de que a língua a veicular pela escola, deve ser o sociolecto alto da sociedade não seja um argumento unânime, parece-nos que um aluno que não domine esta língua, ao chegar à vida adulta encontra fechadas muitas portas. Cabe então à escola integrar e não discriminar, "a fim de que o aluno não seja discriminado por usar um dialecto não-padrão em situações em que o dialecto padrão é o único aceite, deve-se-lhe ensinar, na escola, o dialecto-padrão e a habilidade de usar esse dialecto ou o seu próprio de acordo com o contexto; para isso, a escola e os professores devem conhecer a teoria das diferenças dialectais, reconhecer que os dialectos não-padrão são sistemas linguísticos tão válidos quanto o dialecto-padrão e, assim, ter atitudes positivas e não discriminativas em relação à linguagem dos alunos"⁽¹⁰⁾.

1.3 - A escola e os sociolectos baixos

As crianças ao chegar à escola, são muitas vezes portadoras já de sociolectos adquiridos, e por elas utilizadas no quotidiano.

Que pode fazer a escola nestes casos?

Sem dúvida que uma atitude permissiva não pode ser a mais viável, uma vez que, tal como já foi dito, a escola não pode formar indivíduos que venham a ser recusados na vida futura, pela comunidade⁽¹¹⁾. Assim, ainda que se lute por tentar modificar a atitude da comunidade, cabe à escola o papel de proporcionar ao aluno o acesso a uma instrução superior permitindo-lhe progresso social e económico. A melhor estratégia consiste em ir transmitindo ao aluno esse sociolecto considerado alto, de forma adequada e atempadamente.

O momento mais adequado é quando se processa ainda o desenvolvimento das estruturas cerebrais ou seja, durante a infância até a adolescência.

A escola deve então conseguir que entre alunos que dominavam já o sociolecto alto e **aqueles** que o estão a adquirir haja uma nivelção linguística adequada. Conseguir que o

(10) - SOARES, Magda - *Língua e escola: uma perspectiva social*. Editora Ática, São Paulo, 1986, p. 50.

(11) - Constitui base para estas afirmações a obra *La enseñanza de la lengua materna*, de LOPES MORALES, Humberto.

sociolecto alto seja o utilizado pelos alunos está relacionado com a supressão de estigmas. A substituição dos fenómenos que cada comunidade encara como inadequados deve ser feita tendo como finalidade estabelecer uma situação "bisociolectal - uno bajo y uno alto - usado cada uno en el contexto social que corresponda, por ejemplo, en la casa y en el barrio; en la universidad y en la oficina"⁽¹²⁾. Ainda como diz este autor, não se pode esquecer que " las posiciones permisivas son inacceptables desde el punto de vista sociolinguístico, porque ellas llevan al mantenimiento de de los estigmas lingüísticos y conseqüentemente al mantenimiento del rechazo e la discriminación"⁽¹³⁾.

A escola pode considerar que teve sucesso quando conseguiu que o aluno se tornasse bidialectal.

Os aspectos mais positivos do bidialectalismo são o respeito pelo sociolecto da criança e o facto de não tentar alterá-lo ou suprimi-lo, ao contrário do que acontecia com outras atitudes. Não se pode dissociar a língua do indivíduo, pois esta é algo de muito pessoal, " language can be, (...) socially symbolic, so that to reject a speaker's language is to appear to reject not just him, but also all those like him who he identifies with and values"⁽¹⁴⁾.

Aliada à linguagem, aparece a cultura, uma vez que, esta é veiculada pela linguagem e, ao mesmo tempo, a linguagem é " o principal produto da cultura"⁽¹⁵⁾.

Língua e cultura têm de ser tidas em conta a todo o momento na escola, tentando colmatar as diferenças: " o que a escola comprometida com a luta contra as desigualdades pode fazer é vitalizar e direccionar adequadamente as forças progressistas nela presentes e garantir às classes populares a aquisição dos conhecimentos e habilidades que as instrumentalizem para a participação no processo de transformação social"⁽¹⁶⁾.

III - Atitudes Linguísticas

1.1 - Mobilidade Social

O factor da mobilidade social é muito importante.

O que distingue os diferentes sociolectos são os factores de ordem social. A nível da linguagem, as crianças vão a pouco e

(12) - LOPEZ MORALES, Humberto - *La enseñanza de la lengua materna*, cap. 5 " Enseñar Español, pero que Español?", p. 51.

(13) - Op. cit. p. 52.

(14) - TRUDGILL, Peter - *Accent, Dialect and the School*, Edward Arnold, p. 67.

(15) - SOARES, Magda, Op.cit. p. 16.

(16) - SOARES, Magda, Op.cit. p. 73.

pouco, adquirindo as mesmas ideias e vão participando nas crenças linguísticas dos adultos. Essa aquisição varia com a idade, mas mesmo assim, o facto que detém maior importância é "o nível sócio-económico do adolescente"⁽¹⁷⁾. Os sociolectos baixos são estigmatizados porque a atitude da comunidade é uma atitude de rejeição.

As comunidades, sob o ponto de vista social, podem ser relativamente homogêneas ou profundamente estratificadas.

A ligação dos indivíduos aos diferentes estratos sociais não é estanque, quer isto dizer que, os indivíduos podem mover-se de um estrato para outro. Essa mobilidade social pode ser ascendente ou descendente, ou então os indivíduos podem inserir-se em diferentes grupos mas num mesmo estrato social. A mobilidade social vai ter, como é óbvio, reflexo nas atitudes linguísticas e no comportamento verbal.

A escola desempenha um papel importante nessa mobilidade social. Os alunos dos estratos sociais mais baixos conseguem ter um nível linguístico mais alto que os pais, enquanto que os alunos de estratos mais altos não conseguem ultrapassar o nível dos pais.

As apreciações subjectivas, a valoração que os falantes fazem da língua e dos diferentes fenómenos linguísticos, são muito importantes. Essas apreciações estão ligadas à sensibilidade às diferenças linguísticas. Essa sensibilidade surge por volta dos quinze/dezasseis anos.

Há então a percepção que cada indivíduo pertence a um determinado estrato socio-cultural, e que, como já foi referido, os indivíduos estão sujeitos ao fenómeno de mobilidade social. A inserção dos indivíduos em redes sociais novas causa, geralmente, uma alteração de atitudes linguísticas. Essas alterações vão determinar o comportamento verbal de acordo com a integração de cada indivíduo em redes fortes ou em redes débeis.

Neste modelo teórico das *redes sociais*, pretende-se estudar diferentes graus de integração dos indivíduos nas diversas comunidades. Há assim, índices que servem para explicar o papel dos indivíduos na difusão das mudanças de atitude na comunidade. É possível quantificar a noção de rede, ou seja, há diferentes graus de integração que variam de comunidade para comunidade.

De acordo com a integração dos indivíduos nesses grupos é possível estabelecer *redes débeis* e *redes fortes*.

Entende-se por *redes débeis* aquelas em que os membros de uma comunidade possuem uma grande mobilidade geográfica e social, facto que vai provocar vínculos débeis entre esses membros.

(17) - SANTOS, Emmanuel, - *Mobilidade social e atitudes linguísticas* Linguística IV, 1976.

As redes fortes são aquelas em que os seus membros são geográfica e socialmente estáveis. São, geralmente, comunidades que por estarem mais isoladas mantêm vínculos mais fortes.

Podemos então perguntar em que medida é que este modelo das redes sociais tem importância no estudo da mudança de atitudes e de comportamento linguístico.

Este modelo vai permitir o estudo do processo de transformação de dialectos rurais em dialectos urbanos assente no estrato social.

Muitas vezes, indivíduos oriundos de zonas rurais migram para zonas urbanas, onde, de imediato constataam que o seu falar regional é encarado como marca de desprestígio. Estes falantes tomam consciência do carácter provinciano do seu falar. Esta consciencialização determina, desde logo, uma mudança de atitudes e de comportamento linguístico. Tentam eliminar os traços que mais facilmente seriam encarados como oriundos de um meio diferente.

O modelo de redes sociais pode também ter aplicabilidade, quando se procura ver a inserção dos indivíduos na escola, permitindo desta forma que tomem contacto com uma forma de língua mais prestigiada e procurando verificar quais as mudanças de atitudes e comportamento que se registam nesses mesmos indivíduos.

Para além do modelo das redes sociais, há também o *modelo estratificacional* proposto por William Labov. O que este autor pretendia era fazer análises de algumas comunidades urbanas norte-americanas de acordo com a estratificação social. Para este autor "a percepção da significação social de factos linguísticos surge (...) aos catorze ou quinze anos"⁽¹⁸⁾.

No entanto, este modelo apresentava alguns problemas nomeadamente, quando se tentava aplicá-lo a comunidades rurais.

Este autor dedicou-se sobretudo a analisar as relações entre a linguagem e as classes sociais. Procurou estudar as variedades do inglês considerado non-standard utilizadas pelas minorias dos Estados Unidos. No momento de comparar o dialecto dessas camadas mais baixas e o das camadas mais favorecidas, Labov afirma que "o dialecto das classes favorecidas caracteriza-se pela <<verboosidade>>, que transmite a impressão que o falante é competente (...) já o dialecto popular é directo, económico, sem redundâncias"⁽¹⁹⁾.

Uma vez que cada dia chegam à escola mais indivíduos oriundos de estratos mais baixos da comunidade, a Escola deve adaptar-se a essa situação. O professor de Português deve

(18) - SANTOS, Emmanuel. - Mobilidade Social e Atitudes Linguísticas Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Linguística IV, 1976, p. 5.

(19) - SOARES, Magda - Linguagem e Escola: Uma perspectiva social, Ed. Ática, São Paulo, p. 47.

permitir que a criança continue a usar o seu sociolecto, mas ao mesmo tempo que adquira o sociolecto considerado alto, e que tome consciência das circunstâncias/situações em que deve utilizar cada um deles.

Vemos assim, que o factor prestígio em relação aos sociolectos é um factor determinante.

1. 2 - O Factor prestígio

Tal como já foi referido, do ponto de vista linguístico, todas as modalidades linguísticas são iguais, no entanto, não podemos esquecer que o não são sob o ponto de vista sócio-cultural. O factor prestígio é fulcral no processo ensino-aprendizagem da língua materna. Se há então uma estreita relação de dependência entre os factores de ordem social e os de ordem linguística, há que tomar atenção a todas as variáveis. São estas o sexo, a idade, a educação, a profissão, a raça, a ideologia, o grupo étnico entre outras.

As atitudes que os falantes de uma determinada comunidade assumem perante a sua língua são muito importantes. Essas atitudes que podem ser mais ou menos favoráveis perante um determinado sociolecto, estão muito ligadas aos meios de comunicação actuais - televisão, rádio, imprensa - que constituem um "veículo poderosíssimo de difusão de la norma urbana"⁽²⁰⁾.

Fala-se de norma urbana porque na verdade é esta que tende a sobrepôr-se à "norma rural".

Para melhor se entender a importância do factor prestígio, não nos podemos afastar da realidade portuguesa. Tal como Leif Sletsjøe⁽²¹⁾ refere, a língua Portuguesa encontra-se dividida actualmente em duas normas: a norma portuguesa e a norma brasileira-ainda que por vezes contestada a existência desta última, não podemos negar que há uma língua standard no Brasil, que é aquela constituída pelo Português falado no Rio de Janeiro e São Paulo (camadas cultas).

Se apenas factores de ordem económica e demográfica fossem relevantes, provavelmente "la norma brasileña (de existir realmente) seria más importante hoy en dia que la norma lisboeta"⁽²²⁾. Neste caso concreto tiveram maior importância factores de ordem histórica e cultural, razões pela qual a norma portuguesa europeia detém maior prestígio e aceitação. A norma

(20) - LOPE BLANCH, Juan M. - *El concepto de prestigio de prestigio y la norma lingüística del Español*, Anuario de Letras: Facultad de Filosofia y Letras, centro de Linguística Hispanica Vol. X, p. 37, 38.

(21) - Op. Cit. p. 38, 39 - L. Sletsjøe, *Phonétique et linguistique romanes: Mélanges offerts à M. Georges Straka*, Lyon, 1970.

(22) - Op. Cit. p. 37-39.

culta portuguesa, representada pela língua falada entre Lisboa e Coimbra goza de uma posição privilegiada quer face à já referida norma Brasileira, quer a qualquer das falas prestigiadas dos denominados PALOP.

A questão do prestígio pode ser muito importante em comunidades de falantes que se inserem numa situação de bilinguismo, mas, interessa ver como funciona o prestígio em comunidades monolíngues ⁽²³⁾.

A relação entre língua e prestígio implica factores sociais, linguísticos e sociolinguísticos.

Do ponto de vista da sociolinguística, temos de considerar a estratificação social, aspecto já referenciado noutra parte deste trabalho.

No âmbito da Linguística é importante saber o que é que torna um determinado uso linguístico prestigioso.

Há que terem conta aspectos como a norma, a correcção, e a adequação dos enunciados aos contextos.

Autores como por exemplo Manuel Alvar distinguem entre "norma geral", << conjunto de hábitos linguísticos considerados como correctos por uma ampla comunidade >> e "normas particulares", << cada uma de las que existen minoritariamente y que son realizaciones del sistema reducidas a grupos limitados >> ⁽²⁴⁾. Podemos então dizer que há uma estreita ligação entre prestígio e norma.

São considerados usos prestigiosos aqueles que seguem a norma. No entanto, tem de haver uma adequação dos enunciados às situações comunicativas. Tal como disse Havranek, "la norma no es más que la obligacion que el hablante tiene de ajustarse a un modelo aceptado por el grupo social en que se desenvuelve" ⁽²⁵⁾.

Se um falante não adequasse o seu discurso ao grupo social no qual se insere, certamente seria rejeitado. Assim, o prestígio é algo que para além de se possuir também se concede. Geralmente concede-se prestígio à variedade alta. Autores como Labov associam-lhe então a noção de status "posición a la que la comunidad lingüística atribuye prestígio" ⁽²⁶⁾.

O prestígio é associado geralmente aos falantes brancos, de estratos elevados da sociedade.

Tentando definir o conceito de prestígio podemos dizer, tal como Moreno Fernandez ⁽²⁷⁾, que é "um Processo de

(23) - Constitui ponto de partida para esta afirmação o artigo "Lengua y Prestigio", in *Metodología Sociolingüística* de Francisco Moreno Fernandez, Madrid, (Ed. Gredos), 1990, p.173-199.

(24) - Op. Cit: p. 182, M. Alvar, <<La norma lingüística >>, in *Teoría del lenguaje y lingüística general*, 35ª ed., Madrid, Gredos, 1973, pags.11-113.

(25) - Referencias ao trabalho de Havranek <<Zum Problemler Norm in der heutigen Sprachwissenschaft und Sprachkultur >>, na obra *Metodología Sociolingüística* de Moreno Fernandez, ponto 4.4 "Lengua y Prestigio" p.183.184.

(26) - Moreno Fernandez, Francisco -Op.Cit. p.185

(27) - Op. Cit. p. 187.

concesión de estima y respecto hacia individuos o grupos que reúnen ciertas características y que lleva a la imitación de las conductas y creencias de esos individuos o grupos".

Existem vários tipos de prestígio que podem resumir-se a quatro pares⁽²⁸⁾.

1) - Prestígio da profissão/prestígio do indivíduo - ou seja, concede-se maior ou menor prestígio segundo as ocupações que detêm.

2) - Prestígio como atitude/prestígio como conduta.

3) - Prestígio vertical/ prestígio horizontal -funcionando o primeiro entre classes sociais diferentes e o segundo no interior de cada grupo.

4) - Prestígio sociológico/ prestígio linguístico.

Entre estes dois tipos de prestígio há inúmeras interferências. "Sólo aislándolos podremos saber posteriormente qué peso ejercen por separado y conjuntamente en los fenómenos sociolingüísticos"⁽²⁹⁾.

O prestígio é um conceito que está, como podemos ver, intrinsecamente ligado a princípios como o poder, a ocupação/função e a classe/estrato social.

Quando se trata de quantificar, medir o prestígio, os sociolinguistas optam por estudar as atitudes.

Assim, para se estudar o prestígio, é necessário saber o que o falante considera ou não correcto. O que considera correcto, é assim considerado partindo de um critério normativo.

Conclusão

Face ao padrão linguístico a adoptar na escola, esta tem por função libertar o aluno daquilo a que Magda Soares chama *marginalidade linguística* ⁽³⁰⁾.

Deve, portanto, pautar-se por um bidialectalismo funcional, levando o aluno a adaptar-se às exigências da sociedade. é necessário facultar aos falantes das classes consideradas baixas, conhecimentos e instrumentos que lhes facultem o acesso ao progresso social.

A escola deve assim manter-se, ou melhor, tornar-se consciente da importância do seu papel e empenhar-se a fundo neste processo de criação de *um ensino eficiente*, proporcionando "os instrumentos que lhes permitam conquistar

(28) - Op. Cit. (principalmente páginas 198-199).

(29) - MORENO FERNANDEZ, Francisco - Metodología Sociolingüística, Madrid [Ed. Gredos], 1990, Cap. 4.4, "Lengua y Prestígio", p.200.

(30) - Linguagem e Escola - uma perspectiva social, Ed. Ática, 3ª.

mais amplas condições de participação cultural e política e de reivindicação social"⁽³¹⁾. O facto de proporcionar às classes populares o acesso ao sociolecto considerado prestigioso vai permitir que estes indivíduos não sejam alvo de atitudes discriminatórias e que possa haver "luta por maior participação política e mais justa distribuição da riqueza e dos privilégios"⁽³²⁾.

A escola não deve, nem pode rejeitar os sociolectos baixos, uma vez que esse facto implica também, a rejeição do próprio estrato social que utiliza essa linguagem.

No ensino da Língua materna tem de se ter sempre em conta as relações entre linguagem e estrato social. Estas relações são importantes na selecção de objectivos, escolha de métodos principalmente em escolas que servem alunos que utilizam um sociolecto considerado baixo. O ensino da língua materna não se pode desligar das condições socio- económicas que são intrínsecas a uma sociedade estratificada.

Ensinar a língua materna implica um compromisso na luta contra as desigualdades sociais e tem como finalidade facultar aos alunos das camadas populares uma preparação adequada para combater desigualdades e adaptação às exigências da sociedade.

Para que isto aconteça, é necessário que se compreendam os condicionalismos que levaram a que um sociolecto obtivesse prestígio, em detrimento de outros. Mas é também importante "levar o aluno a perceber o lugar que ocupa o seu dialecto na estrutura de relações sociais, económicas e linguísticas, e a compreender as razões porque esse dialecto é socialmente estigmatizado; tem de se apresentar as razões que levaram o aluno a aprender um dialecto que não é do seu grupo social e propor-lhe um bidialectalismo não para sua adaptação, mas para a transformação de suas condições de marginalidade"⁽³³⁾.

Bibliografia

- HEISE, David R., *Social Status, Attitudes and Word Constations in Explorations in Sociolinguistics*, Stanley Lieberson Ed., Indiana University, Bloomington, s.d.
- LOPE BLANCH, J. M., *El concepto de Prestígio y la norma Lingüística del Español*, in *Anuário de letras*, Facultad de Filosofia y Letras, Centro de Lingüística Hispánica, Vol.X, pp. 29-46.
- LOPES MORALES, Humberto, *Hacia un concepto de la Sociolingüística*, in *Lecturas de Sociolingüística*, Madrid, Colección EDAF Universitaria, 1977, pp. 101-124.

(31) - Op. Cit. p. 73.

(32) - Op. Cit. p. 74.

(33) - Op. Cit., p. 78.

- MORENO FERNANDEZ, F., *Metodologia Sociolinguística*, Madrid, Ed. Gredos, 1990, pp. 173-200.
- SANTOS, Emmanuel, *Mobilidade Social e Atitudes Linguísticas*, Linguística IV, 1976.
- SOARES, Magda, *Linguagem e Escola- uma perspectiva social*, São Paulo Ed. Ática, 1986 (3ª ed.).
- TRUDGILL, Peter, *Accent, Dialect and the School*, in *Explorations in Language Study*, Peter Doughty, Geoffrey Thornton eds, pp. 65-71.
- TRUDGILL, Peter, *Sociolinguistics: An Introduction*, Penguin Books, 1974.